

## **A CIDADE E AS FESTAS NO NORDESTE BRASILEIRO:**

### **(re)invenção da identidade e espetacularização do espaço urbano.**

AMÉLIA CRISTINA ALVES BEZERRA

Profa. do Depto. de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.  
Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF  
Rua Aridio Martins n 50, Bloc 06, Apt. 902- Bairro Fátima - Niterói - RJ. Cep. 24070110  
[amelliacristina@uol.com.br](mailto:amelliacristina@uol.com.br)

A festa tem ocupado um lugar significativo na cultura brasileira, através dela são (re)atualizadas, ritualizadas e celebradas as experiências sociais<sup>1</sup>. Ela apresenta características tanto materiais quanto simbólicas, representando, desse modo, uma das formas de produção de identidade. Esta característica tem contribuído para que a festa se destaque nesse momento histórico da sociedade em que, a (re)elaboração das identidades e a espetacularização da diferença, assumem um papel significativo nos projetos urbanísticos que vêm sendo pensado para as cidades.

Esta estratégia, que tem sido adotada pelos administradores e pelos planejadores de algumas cidades, situa-se nesta fase histórica da sociedade capitalista, na qual, segundo Yúdice (2004) a cultura adquire valor de recurso. Este processo tem tido um rebatimento na (re)organização do espaço urbano de algumas cidades brasileiras, nas quais as políticas de revitalização de centros históricos, a construção de simulacros de paisagens regionais e a organização de festas - que têm assumido a característica de grandes espetáculos- têm tomado forma no espaço urbano e, assim, reafirmado particularidades/singularidades regionais e locais, o que implica uma (re)elaboração das identidades, que, não raramente, são vendidas no mercado de cidades.

É neste contexto que festa e identidade se colocam como questões importantes para pensarmos a cidade, sendo este o tema do presente trabalho que tem como referencial a cidade de Mossoró localizada no oeste do Rio Grande do Norte, lugar que nos instigou a pensar as questões que orientam a presente reflexão. Para tanto, dividimos o artigo em dois momentos. No primeiro, elaboramos uma reflexão sobre a dinâmica festiva que vem se instalando nas cidades brasileiras, bem como a relação desse processo com as políticas urbanas que vêm subsidiando esse processo nas

---

<sup>1</sup> A festa como forma de celebração das experiências sociais é trabalhada por diferentes autores, a exemplo de AMARAL (1998).

idades. No segundo momento, apresentamos a dinâmica festiva que a cidade de Mossoró vem apresentando na última década, bem como a relação desse processo com as transformações sócio-espaciais que vêm ocorrendo na sua área central. Para finalizar apontamos de forma breve, algumas reflexões que perpassam o artigo, sobretudo no que diz respeito a dinâmica festiva em Mossoró.

### **I - Festa, cidade e identidade: entrelaçamentos e proximidades.**

A cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras e pelas festas, já nos dizia Lefebvre (1991). Esse entrelaçamento entre a cidade e os rituais festivos também está presente nas trilhas que Mumford (1965) constrói em busca das origens da cidade que, para ele, tem suas bases ligadas à predisposição do homem para a vida em sociedade, ou seja, para o compartilhamento. Nessa direção, observa que antes mesmo que a cidade fosse um lugar de residência fixa ela foi “um ponto de encontro” para onde periodicamente as pessoas voltavam. Assim, “o ímã precede o recipiente, e essa faculdade de atrair os não residentes para o intercurso e o estímulo espiritual, não menos do que para o comércio continua sendo um dos critérios essenciais da cidade (...)” (Mumford, 1965, p. 19).

Partindo dessas observações, é possível dizer que o primeiro germe da cidade é, pois, o espaço de encontro cerimonial, é a festa. Compartilhando das observações de Mumford, Fernandes (2001) destaca que as festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares.

No Brasil, boa parte dos registros existentes sobre a festa no período Colonial traz consigo o cenário urbano, onde os espaços públicos, a exemplo da rua e da praça, se colocam como os locais privilegiados das festividades. Mary Del Priore (2000), por exemplo, quando trata das festas no Brasil colonial, nos fala do cuidado com o embelezamento da cidade durante o período festivo, onde era comum as Câmaras recomendarem à população que caiassem suas casas e ornassem portas e janelas nos dias de procissão ou de festa profana; costumava-se, igualmente, segundo os relatos por ela registrados, “alcatifar as ruas com flores odoríferas, ornar

as janelas com colchas de Pequim ou China ou com as lindezas dos senhores desta terra; noz moscada era jogada nas portas de entrada, para perfumá-las” (p. 38).

A iluminação era outra ferramenta fundamental na ornamentação da cidade. Para tanto, os moradores das vilas participavam acendendo dentro e fora de seus domicílios as estivas luminárias, descritas no trabalho de Amaral (1998) como pequenas painéis de barro com azeite de mamona com um pavio de algodão retorcido que se acendiam na época das festas e procissões. Sobre o ritual de iluminação Del Priore (2000) lembra que:

*O importante era iluminar a qualquer custo, uma vez que a luz consagrava as noites de festa: todos os moradores da cidade que se compõe de mais de quatro mil quinhentos fogos, ainda o mais pobre não deixou de pôr meia dúzia de luminárias, não falando em cônegos, homens de negócios e pessoas nobres e ricas que cada um cuidou em mais lustrar tão real festejo (p. 37).*

Quando a cidade na qual se realizava a celebração ficava num porto marítimo ou fluvial, enfeitavam-se também com luminárias as embarcações, e outros tantos barcos eram ligados aos cais por fios com luminárias. Ao espetáculo das luminárias e da decoração das ruas somava-se a queima de fogos, cuja presença nas festas coloniais remonta ao século XVII. Essa tradição vinda de Portugal costumava alegrar as romarias e as procissões.

Nas regiões mais ricas da Colônia, as Corporações de Ofício se encarregavam da iluminação das festas e, além delas, os comerciantes. A luz certamente fazia o “contraste entre a festa, a alegria, e o cotidiano escuro, das noites vazias e silenciosas” (Amaral, 1998, p. 77). A iluminação também ajudava a estabelecer claramente as posições econômicas e, portanto, também social dos indivíduos na cidade e na sociedade política.

Conforme Del Priore, as festas que ocorriam nesse período podem ser agrupadas entre aquelas realizadas pelo Estado, de um lado, e pela Igreja Católica, de outro. Ao descrevê-las, a autora discute a forma como a igreja foi se apropriando das comemorações que originariamente eram vinculadas às épocas de sementeira e de colheitas e que, com o advento do cristianismo, passaram a receber nova roupagem. Essas festas passam a ser distribuídas em dois grupos: as festas do Senhor (paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos

dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas “Domingas”.

As festas no período Colonial organizavam-se também em torno das “Entradas”, que eram rituais solenes de acolhimento reservados a soberanos, bispos e autoridades. Essas cerimônias públicas revestiram-se de importância crescente a partir do século XVI nos rituais da corte européia. Segundo Cardim (2001), as “Entradas”, enquanto cortejos, faziam lembrar as procissões, que eram rituais religiosos por excelência. Durante o cortejo, era sempre incluída uma passagem pela principal igreja da cidade, onde o rei era saudado pelas autoridades episcopais.

Para Cardim (2001), as “Entradas” estiveram, não raras vezes, a serviço do projeto político da Monarquia. Porém, elas constituíam, também, acontecimentos de primeira importância para as autoridades urbanas, pois a opção do rei em visitar a cidade era um sinal de preeminência, um sinal de que o monarca considerava essa cidade digna de ser visitada e achava que seus habitantes mereciam avistá-lo, de que as autoridades cidadinas eram dignas de receber garantias régias e teriam as suas prerrogativas preservadas.

Em outros momentos, eram as próprias cidades que tomavam a iniciativa de convidar o rei a visitá-las, um gesto pleno de significado que, em regra, era parte de uma estratégia de afirmação de uma cidade em relação a outras. Nesse sentido, Cardim afirma que a própria capacidade para organizar um evento com estas características era interpretada como sinal de vitalidade política da corporação que governava a cidade, “por outras palavras, a corporação urbana, ao assumir parte da organização da festa, demonstrava que permanecia vigente e que tinha a intenção de continuar à frente do destino da cidade” (2001, p. 9).

Na descrição que Del Priore (2000) elabora sobre tais rituais são destacados os anúncios que precediam todas as festas. Estes eram feitos a partir de carros iluminados com muitas máscaras, bailes e instrumentos musicais. Nesse chamamento eram usados sons, estampidos e figuras fantasiadas que eram acionados quer nas festas civis, quer nas religiosas.

O início da festa era marcado por um passeio com “bandeiras de procissão” ou estandartes com a imagem do santo homenageado que, pintados em ambos os lados com imagens sacras, eram carregados por pessoas “ricamente vestidas” ou então empunhados por indivíduos fantasiados de “Fama” e “vestidos à trágica”.

Estes estandartes anunciavam o alvo da comemoração: São Gonçalo, Santo Antônio, Santa Bárbara etc. Depois do anúncio, das máscaras e do desfile que abria as festas, vinha o levantamento dos “mastros comemorativos”. Estes eram substitutos do “mastro de maio”, comum na Europa camponesa, e a presença destes mastros marcava principalmente as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro (Del Priore, 2000).

Esse ritual do levantamento dos mastros comemorativos ainda é muito comum nas festas juninas que ocorrem nas cidades do interior do Nordeste, como pudemos observar ao longo da pesquisa realizada nas festas de São João na cidade de Mossoró.

Tendo em vista que as festas tinham sempre um caráter institucional, pois estavam ligadas às comemorações do Estado ou da Igreja, o uso dos espaços públicos (a praça, a rua ou a igreja) para as festas era uma regra. Esse caráter público da festa, segundo Amaral (1998), contribuía para que sua função institucional fosse diluída, abrindo outras possibilidades, pois a festa, uma vez começada, transformava-se em alegria para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas da Colônia.

A festa, nessa perspectiva, transformava-se numa pausa nas inquietações cotidianas, num derivativo provisório. A violência do antigo sistema colonial que atingia indiretamente os escravos e os brancos empobrecidos, a violência da escravidão e das relações humanas numa colônia de exploração e ainda a violência interétnica, das relações sociais, terminam por encontrar na festa um canal de escape.

Apoiada em autores como Freire (1995), Abreu (1988), Dias (1984), Rodrigues (1988), Klein (1987) e outros, Amaral (1998) observa que a festa colonial possibilitou o espaço necessário à construção das estratégias contra a repressão do catolicismo inquisitorial, ao mesmo tempo em que permitiu a absorção de alguns de seus valores. Essa riqueza de funções que a festa congrega é apontada por Del Priore:

*Tempo de utopias, a festa revela a riqueza de funções com as quais as populações do passado dela se apropriavam. Se, de início ela aparece com o reflexo das instituições de poder e de desejo do Estado Moderno de aproveitar essa ocasião para afirmar seu poder, ela mostra-se lentamente expressão de diferentes segmentos da sociedade. Índios, negros, mulatos e brancos*

*manipulam as brechas no ritual da festa e a impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas* (Del Priore, 2000, p. 90).

Através dessas brechas encontradas no calendário das festas católicas, os negros produziam suas comemorações paralelas que, aliás, podiam ser também católicas. Nestas, a independência dos negros se instalava por estarem juntos, e daí transbordava para o trato com os senhores, autoridades, brancos em geral. A festa os reunia e lhes fortalecia o espírito, ajudando-os a não sucumbir moralmente diante da tragédia da escravidão e de quem os escravizava (Reis, 2002).

Esse breve recorte do cenário festivo demonstra a pluralidade das festas no Brasil. Estas se constituíram tanto como forma de afirmação dos valores de culturas dominantes, como de culturas dominadas. Demonstra também que a festa se constituiu historicamente como forte elemento constitutivo do modo de vida brasileiro. As inúmeras festas existentes nos diferentes espaços do país, e em especial nas cidades, nos dão conta da importância das mesmas na dinâmica social.

Nas últimas décadas, especialmente nos idos de 1980, muitas das festas que constituíam o modo de vida brasileiro passaram a adquirir uma importância maior nas cidades, é o caso das *festas juninas* que ocorrem nas cidades de Campina Grande, Caruaru, Mossoró, Sergipe e São Luís, localizadas no nordeste do país. Essas festas que comemoram São João, São Pedro e Santo Antônio, compõem a dinâmica festiva no Brasil desde a sua formação, embora, inicialmente elas estivessem circunscritas as comemorações feitas pela Igreja e no âmbito das iniciativas populares.

Outras festas de caráter mais religioso também se tornaram referências em outras cidades brasileiras, como é o caso da *festa do Sírrio de Nazaré* que ocorre em Belém, da festa de *N. Sra de Achiropita* em São Paulo, *do Divino Espírito Santo* no Centro Oeste, e tantas outras festas que compõe o cenário brasileiro.

Nesse cenário festivo é preciso destacar ainda o *carnaval*. Esta festa caracterizada inicialmente como entrudos anunciava a vinda da Quaresma e a despedida da carne que chegava juntamente com a Quarta Feira de Cinzas. Essa expressão de festejo se tornou comum em algumas cidades brasileiras.

Ao falar especificamente dos entrudos no Rio de Janeiro, Fernandes (2001) destaca as perseguições sofridas por esta manifestação festiva nessa cidade, sobretudo no início do século XIX. Embora tenha resistido por muito tempo, tal folguedo foi retirado da cena carioca pela reforma Pereira Passos. Os entrudos foram proibidos, mas as escolas de samba resistiram e aos poucos foram tomando ares de grande festa, sendo posteriormente apropriada pela elite política e econômica da cidade e projetada como um elemento de referência identitária nacional. O carnaval também é uma festa de referência nas cidades de Olinda, em Pernambuco e Salvador, na Bahia.

Com um caráter mais profano ou mais sagrado, todas essas festas acabaram se consolidando como referências festivas nas cidades brasileiras. Nesse processo vêm sendo apropriadas através das políticas urbanas como forma de (re)afirmação das identidades locais, pois as festas congregam características tanto materiais quanto simbólicas, representando uma das formas de produção de identidade, especialmente territorial. Esta característica tem contribuído para que ela se destaque nesse momento histórico da sociedade, no qual a cultura assume um papel de recurso, sendo apropriada como uma das formas de demarcação da diferença local frente à homogeneidade global. Esse processo tem se refletido, sobretudo, na forma como a cidade vem sendo pensada.

Essa forma de pensar a cidade tem contribuído para que os projetos urbanos cedam lugar aos projetos urbanísticos. Estes últimos tendem a privilegiar o embelezamento e a revitalização de determinadas áreas da cidade. Nesse processo, a construção de uma imagem da cidade assume uma importância fundamental, sendo um sintoma da atual dinâmica capitalista, na qual, como já salientou Harvey, o consumo e a imagem assumem uma grande centralidade.

Nesse quadro, os discursos acerca da cidade, veiculados através de meios de comunicação notadamente publicitária, têm o objetivo de imprimir uma imagem à cidade, construindo uma marca que a identifica no mercado de cidades. Contudo, o discurso produzido é portador das representações e visão de mundo daqueles atores envolvidos no projeto. Desse modo, a produção do espaço é motivada pela representação do espaço, precedente de uma intencionalidade que integra, incorpora uma imagem do espaço. As representações, veiculadas pelo discurso, revelam as significações do projeto de cidade e, por essa razão, como bem coloca Sanchez (2003), devem fazer parte das análises da produção do espaço.

Desse modo, rituais, eventos, palavras e imagens da cidade são discursos, formas de representação da cidade que sintetizam sua identidade, pois nas palavras de Woodward (2004. p.8), “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Assim, as imagens construídas constituem um discurso sobre a cidade, são sínteses de representações ordenadas em linguagem visual e verbal. Já as intervenções espaciais são discursos em ação, expressões materiais de uma concepção de cidade. Pela midiaticização que as cerca, são tornadas partes da imagem da cidade (Sanchez, 2003).

Prosseguindo em seu raciocínio, Sanchez (2003) retoma a reflexão lefebvriana sobre a produção do espaço, segundo a qual é necessário pensar não apenas “como os lugares adquirem qualidades materiais, mas também como adquirem valor simbólico através da atividade de representação”. As representações influenciam avaliações e ranking de lugares e determinam parte considerável das escolhas locacionais.

Partindo das reflexões da referida autora, é possível dizer que “há um complexo intercâmbio entre a transformação material e o simbolismo cultural, entre a reestruturação de lugares e a construção de identidades”, na medida em que as representações que os sujeitos têm do real influem na construção da realidade, ao mesmo tempo em que as práticas materiais são a base para novas representações do real.

A festa, neste contexto das representações, assume um papel importante, pois seu caráter tanto material quanto simbólico contribui para que ela assuma a função de produtora de uma identidade da cidade. Contudo, a identidade produzida a partir dos rituais festivos é construída numa tensão onde o que deve ser lembrado e, portanto, esquecido é definido no âmbito das relações de poder. Neste sentido, são elucidativas as reflexões de Lefebvre (1986), pois para ele há sempre uma presença e uma ausência naquilo que é representado.

Prosseguindo em suas observações sobre as representações, Lefebvre (1983) argumenta que entre os espaços de representação e as representações do espaço, ou seja, entre a vivência e o concebido, não há corte, ruptura ou quebra. E o movimento dialético entre essas duas dimensões do espaço nunca cessa, pois a “vivência se enche de representações, porém se livra delas, posto que é ela mesma que se representa” (Lefebvre, 1983, p. 70). Assim, as representações não são classificadas como falsas ou verdadeiras, pois “são verdadeiras como respostas aos



problemas reais e falsas como dissimuladoras das finalidades reais” (Lefebvre, 1983, p. 62).

As reflexões elaboradas por Lefebvre trazem para o cenário de debates questões centrais para aqueles que pensam a cidade, sobretudo no que se refere à implementação dos planos estratégicos que envolvem a (re)invenção dos lugares, pois estes tendem a evocar a construção de uma hegemonia elaborada a partir das representações do espaço e, neste processo, é construída uma identidade territorial. Para Sanchez (2003), esta identidade unificadora em torno do lugar é evocada pela intelligentsia urbana vinculada ao novo projeto modernizador, no qual o lançamento de campanhas publicitárias reforça o projeto de cidade e o papel dos cidadãos neste projeto.

## **II - Mossoró e as festas**

As formas de demarcação da identidade local frente ao mercado global têm se expressado de forma diferenciada nas cidades. Em Mossoró, cidade localizada na região nordeste do Brasil, especificamente no estado do Rio Grande do Norte, essa demarcação identitária tem se expressado tanto através da recuperação de ambientes históricos, como na construção de equipamentos culturais; contudo, é a festa que mais tem sintetizado a identidade local, como é o caso das Festas de São João e Auto da Liberdade. Essa dinâmica tem provocado uma redefinição dos rituais festivos que ocorrem na cidade.

A grandiosidade da dinâmica festiva que vem se instalando em Mossoró a partir das referidas festas, uma vez descrita, lembra os cenários das cidades visitadas, vividas e contadas por Ítalo Calvino, pois em Mossoró, em tempos de festejos, é possível se deparar com maracatus atômicos se intercalando com navios negreiros e, ainda, com uma batalha entre os moradores da cidade e o bando de Lampião. Nesta batalha, uma “chuva de balas” sai das armas dos homens que entram no palco sobre seus cavalos. Todas estas cenas se misturam num grande espetáculo denominado “Auto da Liberdade”, que ocorre no final do mês de setembro na cidade e que tem como objetivo (re) atualizar os fatos históricos e, através deles, os referenciais de coragem e liberdade que têm sido impressos como aqueles da cidade.

Além destas imagens, é possível lembrar a Mossoró Cidade Junina, festa que ocupa toda a área central da cidade e que nesse período se (re)veste de balões coloridos que enfeitam as ruas, as praças e as pontes. Durante esta festa, a Estação

das Artes, antiga estação de trem de Mossoró, se transforma em cidade cenográfica e as fachadas dos bares são revestidas de cores e formas que lembram a Mossoró do início do século. Neste cenário, uma réplica da igreja é instalada e a imagem de São João é colocada em um altar que é visitado pelos frequentadores.

Neste período junino, mais uma “chuva de balas” invade Mossoró e a cidade comemora novamente a batalha travada contra Lampião por meio de uma teatralização denominada *Chuva de balas no país de Mossoró*, cujo palco é a igreja de São Vicente. Nesta igreja ainda estão preservadas as marcas deixadas pelas balas no momento do confronto entre a cidade e o bando de Lampião, ocorrido em 1927. Ao longo das festas, é possível perceber a intensidade da circulação de pessoas entre a Estação das Artes e a Igreja de São Vicente, sendo que esses dois espaços formam juntos uma área de 48.000 m<sup>2</sup>.

À margem das luzes do espetáculo, outros cenários juninos insistem e resistem nos bairros. Nestas festas, as novenas, que normalmente são acompanhadas por encenações que relembram a vida de São João, (re)atualizam o caráter sagrado presente nas comemorações dos bairros. Os leilões, as quadrilhas e o parque de diversão também fazem parte desse cenário festivo.

Mossoró também se enche de festa ao longo do mês de dezembro, período em que é comemorada a festa da padroeira. Ao longo das comemorações, a vida de Santa Luzia é encenada e milhares de pessoas se encantam com os anjos e demônios apresentados ao longo da peça que tem a igreja central como palco. A possibilidade de investimento nesses eventos tem ampliado outras formas de comemorações na cidade, dentre as quais se incluem também as feiras. O quadro I nos situa melhor acerca dessa dinâmica festiva na cidade.

Quadro I

Calendário de festas e feiras	Festas e Feiras	Tema das festas e feiras	Espaços privilegiados
Junho	Mossoró Cidade Junina	São João/ São Pedro e Sto. Antônio. Festa onde é encenada a vitória da cidade sobre o bando de Lampião.	Estação das Artes/ Igreja de São Vicente- Área central da cidade.
Julho	Festa do Bode	Feira Agropecuária - Exposição de caprinos e ovinos.	Centro de comercialização de animais Armando Buá. Bairro: Costa e Silva.
	Mossoró Air Fest	Evento que reúne aeronaves oriundas de várias partes do país e inclui apresentação de pára-quedistas e da Esquadilha da Fumaça.	Aeroporto Dix-Sept Rosado.
	Mossoró Moto City	Evento que reúne usuários do motociclismo inclui exposição de motos e várias outras atrações em torno do tema.	Estação das Artes- Área central da cidade
Agosto	FICRO –Feira Industrial e do Comércio do Oeste	Evento que reúne os segmentos da indústria, comércio e serviços do Rio Grande do Norte com expositores de todo o Nordeste.	Estação das Artes
Setembro	Carnativa	Carnaval fora de época com bandas e vários trios elétricos.	Centro da cidade
	Espectáculo Auto da Liberdade e a parada cívica no dia 30 de Setembro.	Encenação ao ar livre que trata dos principais acontecimentos históricos de Mossoró: O voto feminino, O motim das mulheres, A libertação dos escravos e A resistência ao bando de Lampião.	Estação das Artes- Área central da cidade.
Outubro	Vaquejada Porcino Costa	Evento que faz parte do calendário nacional de vaquejadas.	Porcino Parque Center
	EXPOFRUIT	Evento que reúne produtores da fruticultura irrigada nordestina. Momento de exposição da produção de frutas tropicais: melão, caju e banana.	Campus UFERSA, antiga Escola da Agronomia
Dezembro	Festa da Padroeira.	Santa Luzia	Catedral da cidade. Praça da Matriz.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo, 2004 e 2005 e ainda através das informações do Diagnóstico do Plano Diretor de Mossoró.

Além dessas festividades que ocorrem nos meses de junho, setembro e dezembro, Mossoró realiza ainda a festa do Bode no mês de julho, a Feira Industrial e Comercial da região oeste – FICRO - que acontece no mês de agosto e a Expofruit que ocorre em outubro.

Essa centralidade que a festa tem ocupado no cenário urbano da cidade de Mossoró é algo recente. Ao fazer essa afirmação, não estamos propondo que a festa não fazia parte da dinâmica da sociedade mossoroense em outros momentos históricos; ela fazia parte, sim, mas de uma outra forma. Até dez anos atrás, essas festas eram feitas em um tempo mais reduzido, sendo que algumas delas se concentravam nos bairros, como é o caso do São João, e, nesse período, não apresentavam esse caráter de espetacularização que hoje assumem.

Essa (re)invenção das festas em Mossoró tem sido acompanhada pela (re)estruturação do espaço da cidade, sobretudo da área central. Essa (re)organização pode ser percebida através da reestruturação da Estação das Artes, antiga estação ferroviária, transformada em local de eventos culturais, a renovação e o embelezamento das praças e dos teatros, assim como a construção de um novo teatro que custou R\$ 6.500.000 e foi construído em parceria com a PETROBRÁS.

Entender quais são os processos que têm movido essa (re)invenção das festas e as transformações de muitas áreas da cidade é uma forma de entender a dinâmica sócio-espacial instalada em Mossoró na última década. Nesse sentido, as leituras feitas em torno dos diferentes planejamentos e, em especial, daquele que tem sido denominado de “estratégico”, a partir do qual a tônica tem recaído na reabilitação ou na recuperação de ambientes históricos, na construção de equipamentos culturais marcantes, no cuidadoso desenho dos espaços públicos e na organização de eventos festivos, nos conduz a pensar que a dinâmica urbana que vem se instalando em Mossoró guarda reflexos dessa forma de pensar a cidade.

E, embora os debates que vêm sendo desenvolvidos em torno do planejamento estratégico privilegiem, sobretudo, as grandes cidades, como é o caso de Barcelona, Rio de Janeiro, entre outras, podemos sugerir que se trata de uma espécie de um pensamento único que hoje se espraia sobre as cidades, como propõe o título do livro de Vainer e Arantes<sup>2</sup>.

A compreensão daqueles que estão envolvidos com as transformações que têm ocorrido na cidade de Mossoró, como é o caso do secretário de cultura, parece reforçar os referenciais propostos no planejamento estratégico, pois, para ele, a transformação espacial que vem se desenhando na cidade tem tudo a ver com a cultura. Nesse sentido, argumentou que “a cidade chegou a um ponto que tinha que

---

<sup>2</sup> O título do livro elaborado por ARANTES, Otilia & VAINER, Carlos & MARICATO, Ermínia., denomina-se *A cidade do pensamento único – Desmanchado consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ter esses equipamentos, (teatros, ginásios, espaços para festas) porque esses eventos (festas) naturalmente iam levar o nome da cidade, e a cidade ia extrapolar os muros do estado e realmente extrapolou”.

Essa compreensão acerca da dinâmica que hoje se instala em Mossoró aponta para duas questões: a primeira diz respeito à idéia da cultura como recurso. A segunda, que está intrinsecamente ligada à primeira, se refere à utilização da cultura como estratégia de renovação da cidade. Com relação à primeira questão, são interessantes as reflexões de Yúdice, que caracteriza a questão cultural do “nosso tempo como uma cultura da globalização acelerada, como um recurso”<sup>3</sup>. Para fundamentar sua argumentação retoma pronunciamentos feitos pelo representante do Banco Mundial, James D. Wolfensohn:

*A cultura material e expressiva é um recurso subvalorizado nos países em desenvolvimento. Ela pode gerar renda através do turismo, do artesanato, e outros empreendimentos culturais (Banco Mundial, 1999:11). “O patrimônio gera valor. Parte de nosso desafio mútuo é analisar os retornos locais e nacionais dos investimentos que restauram e extraem valor do patrimônio cultural – não importando se a expressão é construída ou natural, tais como a música indígena, o teatro, as artes” (Banco Mundial, 1999:13)<sup>4</sup>.*

O autor prossegue em sua reflexão destacando que a cultura, cada vez mais invocada como uma propulsora do desenvolvimento do capital, passou a constituir para alguns a própria lógica do capitalismo contemporâneo.

Contudo, as tendências globais não explicam por si só as dinâmicas locais, sobretudo quando se trata das cidades de porte médio, ou cidades médias, como é o caso de Mossoró. Assim, do ponto de vista local, é possível pensar que essa “renovação” da cidade, bem como a (re)invenção das festas tem sido uma das formas encontradas pelas elites políticas locais para “vender” a cidade e, ao mesmo tempo, para justificar sua permanência no poder, bem como a sua legitimação.

Essa apropriação da memória da cidade foi apontada no trabalho desenvolvido por Felipe quando trata da relação da oligarquia Rosado - elite política que está à frente do poder há mais de seis décadas - com a cidade. Nesse sentido, ele destaca que a pretensão do referido grupo é a utilização da história, da memória do lugar e

---

<sup>3</sup> YUDICE, 2004, p. 25.

dos seus mitos para, por intermédio desse imaginário coletivo, “elaborar o seu imaginário político, que vai fornecer o conteúdo do seu discurso e os elementos para firmar a idéia de que não são “proprietários” do território – mas pertencem a um ‘lugar’, que vai ser exaustivamente imaginado até ser transformado em um ‘país’ – o ‘país de Mossoró’<sup>5</sup> . Para tanto, os Rosados montam o teatro e através da repetição das peças organizam o lugar a partir de uma hierarquia histórica em que alguns fatos são realçados e outros são tornados irrelevantes.

Essa dimensão política da festa tem se agregado ao projeto estratégico que vem sendo proposto às cidades nas últimas décadas. Assim, o entrelaçamento entre as festas e a (re)estruturação dos espaços da cidade parece convergir para algo comum, qual seja, a tentativa de demarcação identitária local, que está pautada, sobretudo, nos elementos da tradição e nos referenciais de *liberdade* e *coragem* atualizados ao longo dos rituais festivos. É o caso da festa junina, quando é teatralizado o espetáculo “chuva de balas no país de Mossoró” e ainda do espetáculo Auto da Liberdade quando são encenados os fatos históricos que conformam os referenciais de coragem e liberdade, dentre os quais se destacam: abolição dos escravos<sup>6</sup>, o motim das mulheres<sup>7</sup>, a resistência da cidade ao bando de Lampião e ainda o primeiro voto feminino na cidade.

Estas duas grandes festas possuem características diferenciadas, pois, enquanto o Auto da Liberdade é uma comemoração que tem uma origem local e que, historicamente, esteve mais ligada ao Estado e às elites políticas de Mossoró, o São João está relacionado a um passado “além-mar”, embora à medida que se propagou pelas regiões brasileiras foi assumindo características específicas e, nesse processo, o caráter religioso foi gradativamente sendo substituído pelo profano. No Nordeste, como bem salienta Morigi (2001) essas festas juninas adquiriram maior significado, tendo sido absorvidas pela cultura, regional e local, onde passaram a ser consideradas como festas da cultura nordestina.

A grandiosidade e o requinte presente nestas festas, sobretudo no espetáculo Auto da Liberdade têm chamado a atenção da mídia nacional, estadual e local, a

---

<sup>4</sup> Documento do Banco Mundial retomado por YÚDICE, 2004, p. 31.

<sup>5</sup> *Idem*, 2000, p. 38.

<sup>6</sup> Segundo a história local, os escravos foram libertados em Mossoró em 1883.

<sup>7</sup> Movimento de mulheres organizado por Ana Floriano em 1885 contra a convocação dos maridos e filhos para lutarem na guerra do Paraguai.

exemplo das matérias exibidas no Jornal Nacional da Rede Globo, na revista Isto É<sup>8</sup> e na Folha de São Paulo.

Uma das conseqüências desse processo de espetacularização tem sido a institucionalização de uma espacialidade e de uma temporalidade das festas na cidade. Essa institucionalização se expressa através da concentração das festas na área central da cidade em um tempo determinado, a exemplo do São João que ocorre durante todo o mês de junho em um espaço reservado ao evento.

A festa de São João que antes era comemorada em dias alternados nos diferentes bairros da cidade, nos últimos seis anos tem se concentrado na área central da cidade durante todo o mês de junho. A institucionalização do tempo e do espaço festivo acabou produzindo um esvaziamento das comemorações que ocorriam em outros lugares da cidade, provocando tensões e resistências, produzindo, assim, conflitos de territorialidades na cidade.

Essas tensões e resistências têm se revelado de diferentes formas, sendo uma delas a atitude dos moradores do bairro onde tradicionalmente era comemorado o São João que, mesmo enfrentando o esvaziamento, pois ela ocorre concomitante ao São João realizado pela Prefeitura, vêm mantendo a data das festividades do bairro. Muitos desses moradores se negam a freqüentar a festa oficial, pois, para eles, ela é responsável pelo esvaziamento das comemorações do bairro. Nesse sentido, reivindicam a inclusão dessa festa na programação oficial<sup>9</sup> do São João, pois sabem que essa é uma das formas de resgatar os freqüentadores e continuar (re)existindo.

Ao mesmo tempo em que há resistências ao processo de institucionalização da espacialidade e da temporalidade da festa junina em Mossoró, há também uma conveniência por parte de moradores de outros bairros no sentido de transferirem as suas comemorações para o mês de julho. Contudo, as opiniões sobre essas transferências de datas se diferenciam: para os mais jovens estas mudanças são boas porque ampliam o tempo festivo; já para os mais idosos este processo tem retirado da festa a sua tradição.

Essas resistências e assimilações que se expressam no cenário festivo de Mossoró revelam as ambigüidades e contradições que permeiam a cultura popular. Essas contradições são compreensíveis na medida em que não podemos

---

<sup>8</sup> Matéria intitulada "Maracatu Atômico", exibida na revista Isto É do dia 08 de outubro de 2003.

<sup>9</sup> Estamos denominando de Programação Oficial, aquela em que são divulgadas as atrações da festa Junina organizada pela Prefeitura durante o mês de junho.

compreender a cultura popular fora do campo de forças das relações de poder e dominação. Nesse sentido, Hall (2003) salienta que não devemos negar o poder que as indústrias culturais possuem em “retrabalhar e remodelar aquilo que representam; e pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial”<sup>10</sup>.

Nessa perspectiva, é preciso reconhecer a influência que a indústria cultural exerce sobre nós; afirmar o contrário, significa dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição cultural e das relações de força. O cenário festivo em Mossoró tem revelado essas influências, na medida em que há uma aceitação e uma identificação por parte de uma camada da população com os rituais festivos que vêm sendo organizados pelas elites.

Ao mesmo tempo em que há uma identificação com essa forma hegemônica de pensar a festa em Mossoró, há também resistências, que se revelam através dos conflitos entre as instituições, a exemplo da Igreja, que reclama a dimensão religiosa da festa, e entre as gerações, a exemplo dos mais idosos que reivindicam a questão da tradição. Nesse sentido, “há uma luta contínua e necessariamente irregular, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular”<sup>11</sup>. Contudo, há pontos de resistências e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural, como bem nos afirma Hall<sup>12</sup>.

Essa luta cultural, segundo o autor, é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. É no interior desse processo que é possível compreender o cenário festivo em Mossoró.

No campo dessa luta cultural em Mossoró, um elemento tem se destacado - a afirmação de uma identidade local. Essa identidade, que pretende ser hegemônica, tem sido construída no âmbito das relações de poder que perpassam a luta cultural

---

<sup>10</sup> HALL, 2003, p.254.

<sup>11</sup> *Idem*, 2003, p.255.

<sup>12</sup> *Idem*, 2003.



na cidade e nesse processo de construção tem sido utilizado um conjunto de representações e símbolos que tem reforçado o poder das elites na cidade.

Todavia, considerando que as identidades são relacionalmente construídas, é possível afirmar que elas podem ser disputadas, questionadas, e que os referenciais de coragem e liberdade que são apropriados pelas elites para legitimar uma identidade hegemônica, podem ao mesmo tempo, ser utilizadas pelas classes subalternas para a sua afirmação material e simbólica, apontando assim, para um horizonte emancipatório materializados em práticas e representações onde se problematiza o espaço da diferença e se questiona os espaços da desigualdade na cidade.

Esse caminho, embora encontre desafios, precisa ser percorrido em Mossoró, sobretudo nesse momento vivenciado pela cidade, em que os interesses políticos locais se entrelaçam e, ao mesmo tempo, se reforçam no projeto global que vem sendo proposto para as cidades por meio do planejamento estratégico. Esse processo pode levar a destruição da cidade como espaço da política, como lugar de construção da cidadania, ou como bem nos alerta Vainer<sup>13</sup>, da cidade enquanto *polis*.

### **Considerações finais**

Finalizando nossas reflexões, é possível afirmar que a festa ganha força na cidade, pois devido ao seu caráter celebrativo (re)atualiza determinados símbolos, e, assim, assume o papel de produtora de uma identidade da cidade, sobretudo no caso de Mossoró. Esta dinâmica que se tem instalado em muitas cidades nos últimos dez anos tem sido influenciada por esta fase histórica do capitalismo, na qual a cultura assume um papel estratégico na (re)organização do espaço urbano.

Portanto, é possível afirmar que as festas, e especificamente a festa de São João e o Auto da liberdade, têm assumido a função de (re)inventar as tradições e (re)elaborar a identidade da cidade, que, não raramente, tem sido vendida no mercado de turismo regional. Esta “(re)invenção” da festa tem sido acompanhada pelo seu processo de espetacularização, entendido aqui, enquanto estetização e mercantilização das festas em Mossoró.

Contudo, tal processo de espetacularização não tem impedido outras apropriações, outras significações, por meio das quais se encontra o irredutível da

feira, que ainda resistem, embora o tempo do espetáculo cada vez mais se imponha sobre a multiplicidade de ritmos que compõe a festa. Assim a tensão entre a festa concebida e aquela vivida se intensifica, o que se expressa em alguns momentos através dos conflitos institucionais, de tradições e de classes.

Nesta direção, são elucidativas as reflexões de Seabra (2002) quando ela destaca que progressivamente a festa tem sido separada da vida, adquirindo foro de função especializada, mas mesmo assim, continua sempre querida e pretendida, “porque, seja como for, o limite de funcionalização da festa é a apropriação que ela possa permitir. Abaixo desse limite haveria muitas razões para acreditar que o espetáculo venceu a festa” (p:3). A autora prossegue sua reflexão e lembra que o encontro com a festa só é possível se a compreendermos como átomos de apropriação, como presença e como não alienação, para tanto se faz necessário descobri-la nos resíduos irreduzíveis da vida social.

Esta perspectiva nos coloca diante do desafio de perceber a cidade não como um espaço coeso, homogêneo, mas como um espaço que contém a diferença, a multiplicidade de ritmos, as diferentes identidades. Esse talvez seja um dos grandes desafios para aqueles que hoje pensam a cidade e, mais especificamente, a festa na cidade.

### **Referências Bibliográficas .**

AMARAL, R. C. M. P. *Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de doutorado apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 1997.

ARANTES, O & VAINER, C & MARICATO, E. *A cidade do pensamento único – Desmanchado consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARANTES, O. Cultura e transformação urbana. In. PALLAMIN: V. M. & LUDEMANN, M. (orgs). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade. 2002.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: O contexto de François Rebelais*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CALVO, E. G. *Estado de Fiesta*. Madrid: Ed. Espasa-Calpe, 1991.

---

<sup>13</sup> VAINER, 2002.

- CASTELLS, M. & BORJA, J. As cidades como atores políticos. *In Revista Novos Estudos. CEBRAP*. Nº 45. Julho de 1996.
- CHAVES, C. A. *Festas da Política. Uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis-MG)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, M. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed Brasiliense, 2000.
- DI MEO G. *La géographie en fêtes*. Paris: Ed. Geophrys, 2001.
- DURKHEIM; E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- DUVIGNAUD, J. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 1983.
- FELIPE, J. L. A (re) invenção do Lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”.*In Território/LAGET*, UFRJ- ano VI no 10 (jan/jun.2001)- Rio de Janeiro:UFRJ, 2000.
- FERNANDES, N. N. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- FERREIRA, L. F. O lugar Festivo- A festa como essência espaço-temporal do lugar. *In Espaço e Cultura – Nº 15-* Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003).
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. *In. Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001.
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. Niterói: Ed. EDUFF; São Paulo: Ed Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: Ed. EDUFF, 1997
- \_\_\_\_\_. Fim dos territórios ou novas territorialidades? *In Identidades: LOPES, L. P. M. & BASTOS, L. C. (orgs) Identidades:recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*; tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JACQUES, P. B. Espetacularização Urbana Contemporânea. In. *Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU/FAUFBA/ Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano 2. Salvador, 2004.*

LEFEBVRE. La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones. México, D.F. Fondo de Cultura Económica. 1983.

\_\_\_\_\_. The Production of space. Oxford (R.U) e Cambridge (EUA): Blackwel. 1991.

\_\_\_\_\_. *O direito a cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo, 1991.

MORIGI, V. J. *Imagens recortadas, tradições reinventadas: as narrativas da festa junina em Campina Grande – Paraíba*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Julho de 2001.

PAIVA NETO, F. F. *Mitologias do “País de Mossoró”*. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série “C” Mossoró: volume 1056. Setembro de 1998.

SÁNCHEZ, F. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Ed.Palavra, 1997.

\_\_\_\_\_. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. In. *Revista Sociologia Política de Curitiba* nº 16, p.31-49, junho, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial*. Chapecó:Argos, 2003.

SANTOS, Valmir. Quadrilha da liberdade. In. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo. 25 Setembro. 2003.

SEABRA, O. O irreduzível da Festa. In: *CD-RUM do XII Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa, 2002.

SILVA, T. T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos e abusos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.